

RELAÇÕES SOCIAIS E SUA EXPRESSÃO NO COTIDIANO ESCOLAR*

Targélia Albuquerque (UFPE)

Martli E. D. A. André (USP)

Siomara B. Leite (UERJ)

RESUMO: A compreensão de como se expressam no cotidiano escolar relações sociais mais amplas ajudará a desvendar qual a concepção de escola, de homem e de sociedade que norteiam uma determinada prática pedagógica. Nesse sentido um estudo das relações sociais manifestas no cotidiano escolar precisa atentar para a direção que o processo educacional assume, predominantemente, sob o impacto das diferentes forças sociais que a atingem ou que nela se configuram nos enfrentamentos cotidianos vividos por seus sujeitos.

Analisar situações concretas que constituem o cotidiano escolar passa a significar uma condição essencial para se interpretar a especificidade do pedagógico que aí se configura.

Uma abordagem crítica das relações sociais que se concretizam no dia-a-dia da escola, mas que expressam o cotidiano social mais amplo, ao certo contribuirá para se redimensionar a força ideológica da escola, clarificando as ações que podem ser desencadeadas pelos educadores na conquista efetiva da escola pública, democrática e de qualidade para a maioria da população brasileira.

Para compreender a escola brasileira é necessário ultrapassar os seus muros, ou seja, alcançar as concepções que atuam como motores da dialética social expressa no cotidiano escolar.

O entendimento da visão de mundo hegemônica numa dada sociedade, das contradições nela presentes e o alcance da dinâmica educacional que nela aí se configura são fundamentais para se desvendar: qual a concepção de escola que norteia uma determinada prática pedagógica.

Se há uma preocupação em se compreender melhor a escola brasileira, sociedade capitalista, precisa-se estar atento às contradições inerentes a este modo de produção e a todas as suas implicações decorrentes.

* Texto elaborado coletivamente como exercício metodológico para a construção de categorias de análise das pesquisas: "Dominação e Resistência no cotidiano escolar: etnografia do 1º grau" e "Jovens-adolescentes de camadas populares: a expressão do social no cotidiano escolar", sob a orientação geral da profª Martli André e Targélia Albuquerque, respectivamente.

A escola como constitutiva da práxis social, e não, produtora desta, verá refletido no seu cotidiano, as marcas contraditórias de um sistema que mercantiliza as relações, as pessoas e as coisas, ao mesmo tempo em que mercantiliza a força de trabalho, geradora de mais-valia.

É sabido que a própria sociedade cria suas instituições socializadoras capazes de legitimá-la como tal, através da transmissão da ideologia dominante. Se a realidade social se configura contraditória, expressando no seu cotidiano uma correlação de forças entre classes sociais, a escola, como uma das agências socializadoras, vê refletida no seu dia-a-dia todas essas e outras contradições (Miranda, 1985).

Uma visão dialética da realidade social possibilita perceber que ao lado de mecanismo de opressão e dominação, da luta pelo poder, existe todo um movimento de resistência e de contraposição ao sistema, mesmo que isto se esconda sob as mais diversas aparências. As classes sociais se configuram num processo de luta, de confronto e a relação de dominação se manifesta em meio a essa complexa teia de relações sociais contraditórias. Há relações de força expressas em diversas direções das lutas sociais. Por um lado é nítido o movimento pelo controle, pela manutenção da ordem vigente exercido pelas "classes dominantes", e por outro lado, uma dinâmica de resistência, um processo de organização de classe em busca da transformação social que se vai configurando no dia-a-dia das camadas populares pela conquista de melhores condições de vida e de seus direitos como cidadão.

Nesse processo dinâmico, contraditório onde as relações sociais se materializam, a educação tem sua significação. Percebe-se na situação de confronto, nos movimentos sociais emergentes que a ação educativa exerce um papel de mediação, permeando o movimento do jogo das relações sociais; é nesse sentido que ela se define como práxis social determinada historicamente. Ela como prática social resultará de uma correlação de forças e acontecerá no cotidiano das classes sociais confrontando as tentativas de manutenção da ordem e do controle, com o movimento de luta e de resistência.

Parece ser verdade que, ao longo do tempo, a educação, através de vias pública ou privada, nas suas mais variadas expressões teria se comportado no sentido de manter as regras do jogo ditadas pela sociedade capitalista. Hoje, tudo leva a crer, com a emergência de uma maior força popular que se concretiza nos diversos movimentos sociais, organizações sindicais, etc., que a situação está mudando. Convivem lado a lado no cotidiano escolar: movimentos educativos em favor da consolidação da ideologia dominante e dos interesses do Capital e toda uma dinâmica de resistência que se move no sentido de criticar a ordem vigente e concretizar uma participação efetiva das camadas populares na luta por reais direitos de cidadania.

A educação, portanto, como prática político-pedagógica pode estar a serviço de diversos campos de luta, e isto, conseqüentemente poderá ser observado no interior das diversas instituições educacionais, sobretudo na escola.

Uma concepção de escola, calcada numa visão dialética da totalidade social,

permite alcançar a instituição escolar não como um lugar onde "pessoas" e "coisas" parecem ter vida própria, independente, ou ainda, como espaço onde professores e alunos, currículos e programas, materiais e equipamentos se combinam visando o êxito do processo ensino-aprendizagem; mas sim, como um espaço social contraditório, que se define pelas relações sociais vividas por sujeitos históricos que, mesmo se caracterizando como tais, por sofrerem as diversas determinações sociais, têm vontade própria e por causa de sua história de vida, bem distinta uns dos outros, são capazes de reagir de formas diferentes às mesmas situações. A relação social-pedagógica ao se configurar abriga todo um conjunto de relações sociais do dentro e do fora da instituição escolar (Mello, 1985).

Por essa razão o processo socializador que ocorre no dia-a-dia da escola aparece de forma muito complexa, principalmente por esta abrigar, também diversos confrontos ideológicos, enquanto se define como veículo transmissor da ideologia dominante ao transmitir conhecimentos. Não se pode esquecer que os sujeitos que a constituem e interagem cotidianamente, codificam, decodificam, criam, reproduzem ou contestam esse corpo de conhecimentos, esse conjunto de significados, símbolos e valores.

O modo de produção, organização e transmissão desse conhecimento visa a internalização de "funções" com a finalidade de se manter a equilíbrio do sistema capitalista, de legitimar a divisão social do trabalho através da incorporação de uma visão de mundo que mantenha o indivíduo "ajustado", e consequentemente, alienando das determinações concretas que definem suas relações sociais. Entretanto, os sujeitos que freqüentam a escola como alunos ou como agentes de educação, são sujeitos concretos, situados num momento histórico também determinado, e a práxis social vivida fora da escola definirá também a dimensão do processo. Pode-se afirmar que desde a produção do conhecimento até a sua internalização pelos indivíduos, há toda uma trajetória de tensões e conflitos.

Um estudo das relações sociais manifestas no cotidiano escolar precisa atentar para a direção que o processo educacional assume predominantemente: adequar os trabalhadores ao processo produtivo organizado pelo capital, desenvolvendo modos de percepção, atitudes e valores com vista a sua subordinação política e sua integração no sistema hegemônico que legitima a dominação; ou caminhar num sentido de crítica ao sistema, ou ainda, numa outra direção.

A necessidade pois, de se analisar situações concretas que constituem o cotidiano escolar é uma condição essencial para se compreender a especificidade do pedagógico nesta instituição educacional.

Investigar o cotidiano escolar é alcançar a sua práxis, que em determinado sentido, sofre todo um conjunto de determinações da práxis social mais ampla, mas que adquire especificidade como agência de transmissão do saber enquanto agência socializadora.

Torna-se necessário atentar, contudo, que a práxis social muitas vezes nega essa possibilidade de apreensão do real, em virtude da própria dificuldade do sujeito como produto histórico, distanciar-se do vivido para refleti-lo. Mas, é essa mesma

práxis que possibilitará o exercício de reflexão capaz de compreender a totalidade social como síntese contraditória, unidade que se define pelas suas múltiplas inter-relações (Kosik, 1983).

Um estudo do cotidiano escolar envolve, entre outras, três dimensões principais que se inter-relacionam numa unidade. A primeira diz respeito ao clima institucional que age como mediador entre a praxis social e o que acontece no interior da escola, visto sofrer múltiplas determinações do social mais amplo, mas assumir configurações específicas nas contradições sociais que se materializam no dia-a-dia escolar. Como exemplo disso, temos as políticas educacionais, as diretrizes curriculares vindas de cima para baixo, as pressões exercidas pelos pais, pela associação de moradores, etc., que interferem na dinâmica escolar e que se confrontam com todo o movimento social dentro da instituição. A Escola resultará, portanto, desse embate de diversas forças sociais.

A segunda dimensão se refere à situação pedagógica da sala de aula que se constitui no processo interacional que envolve mais diretamente professores e alunos, mas que incorpora a dinâmica escolar em toda a sua totalidade e dimensão social.

A terceira dimensão alcança a história de cada sujeito manifesta no cotidiano escolar, pelas suas formas concretas de representação social, através das quais ele age, se coloca, se posiciona, se aliena, se perde ou se recupera ao longo do processo educacional. Daí a importância de se estudar o indivíduo numa dada situação socializadora, isto é, verificar como se concretizam, no seu dia-a-dia escolar os valores, símbolos e significados transmitidos pela escola.

O cotidiano escolar aponta para um variado número de papéis assumidos por seus sujeitos, enquanto institucionalmente eles são definidos como professor e "aluno", diretor, supervisor, etc. Entretanto, é sabido também, que numa interação efetiva nem sempre o que "parece ser", o é realmente. Há situações de dominação claras e legítimas, reprodutoras do conjunto de determinações sociais, mas existem também, as vivências subjetivas. Isto quer dizer que em determinadas situações os sujeitos podem representar papéis num nível e num outro nível, podem estar denunciando as contradições inerentes à realidade social (Lane, 1985).

Essas três dimensões vistas como unidade de múltiplas inter-relações facultam a compreensão das relações sociais expressas no cotidiano escolar, num enfoque dialético homem-sociedade nos diversos momentos dessa relação. A identificação e explicação desse movimento permitem captar a direção do que acontece dentro da escola sem desvinculá-la da práxis social mais ampla.

Penetrar no cotidiano escolar, fazendo parte dele, mas distanciando-se para refleti-lo melhor, pode significar um caminho possível, em direção ao desvelamento da dimensão político-pedagógica da instituição escolar.

Uma análise crítica das relações sociais que se concretizam no cotidiano da escola, mas que expressam o dia a dia social que está sendo também vivido, poderá contribuir para se redimensionar a força ideológica da escola, clarificando a ação a

ser desempenhada pelos educadores, como sujeitos agentes de socialização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOSIK, K. Dialética do Concreto. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

LANE, S.T.M. Linguagem, pensamento e representações sociais. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. (Org.). Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MELLO, G.N. Educação e Classes Populares. Educação em Revista, Belo Horizonte, n.1, P. 35-37, Jul. 1985.

MIRANDA, M.G. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. (Org.). Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1985.